

## A LITERATURA COMO PONTE QUE UNE AS DUAS MARGENS DO ATLÂNTICO: BRASIL E CABO VERDE.

*Willys Soares da Silva (FAINTVISA)*

*Willyssoares@hotmail.com*

O Mar!

Cercando prendendo as nossas Ilhas,  
desgastando as rochas das nossas Ilhas!...

(JORGE BARBOSA)

### **Relações antigas entre: Brasil e Cabo Verde**

Mesmo separados por um oceano, entre Cabo Verde<sup>1</sup> e Brasil, na realidade sempre houve uma relação muito estreita bem antes das relações literárias. Uma vez que os dois países fizeram parte do império ultramarino português e viveram as práticas do domínio colonial.

Cabo Verde, por possuir ilhas com uma localização privilegiada, possibilitou com suas rotas marítimas o comércio da mercadoria mais lucrativa na época – a venda de escravos. Desta forma, a expansão marítima via as ilhas de Cabo Verde como uma importante base para as caravelas portuguesas, que partiam com destino à Índia ou ao Brasil. Mais precisamente, Cabo Verde serviu a Portugal como “laboratório” experimentações<sup>2</sup>. Os portugueses viram a necessidade de incluir elementos essenciais para a vida humana. “As nossas cabras, as cabras caboverdianas vão para o Brasil; nós tínhamos um tipo de gado cavalariço aqui, (...) em

---

<sup>1</sup>O arquipélago é formado por dez ilhas, cujos nomes são: Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Localiza-se a 640 quilômetros a oeste de Dakar, no Senegal.

<sup>2</sup>BOXER, C. R. O Império Colonial Português (1415-1825). Trad. Inês Silva Duarte. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 112.

S. Vicente, (...) que é transportado para o Brasil. Adaptamos os escravos de Cabo Verde para o Brasil.(...)"<sup>3</sup>E assim conseqüentemente a produção agrícola como: arroz o inhame que foi trazido para o Brasil. Cabo Verde também recebeu contribuições vindas do Brasil, como por exemplo, a mandioca, batata doce etc.. A própria ocupação das terras brasileiras é exemplo do papel de Cabo Verde dentro do projeto expansionista português, pois foram aplicadas aqui as mesmas técnicas de desbravamento e ocupação aplicadas no arquipélago. Técnicas que dependiam do binário capitania/ donatário e do uso generalizado da mão de obra escrava como força motriz.

O arquipélago foi colônia de Portugal desde seu descobrimento até sua independência em 1975. Mesmo com o passar dos séculos nunca se interrompeu o diálogo entre Brasil com Cabo Verde e outros países do continente africano nem antes nem depois da independência do Brasil em 1822.

Hoje, as relações estão cada vez mais estreitas principalmente em relações literárias, sobretudo por ser Cabo Verde um dos países africanos de língua portuguesa assim como o Brasil. O programa de intercâmbio entre os dois países têm se intensificado, buscando as origens e valorizando a ancestralidade.

Em 1952, Freyre Gilberto Freyre a convite de António Salazar percorreu as colônias africanas e escreveu *Aventura e rotina* (1953), onde fez comentários a respeito das relações entre o Brasil e Cabo Verde.

Cabo Verde está literariamente mais preso ao Brasil que a Portugal. Também a sua música e as suas danças populares recebem constante influência do Brasil... Supondo, como supõe o cabo-verdiano, ser o Brasil tão negroide quanto Cabo Verde, todo triunfo brasileiro repercute aqui como um triunfo da gente mais fraterna que a de Cabo Verde tem no mundo. Todo triunfo brasileiro não só nos esportes como na música, nas ciências, nas artes plásticas, nas letras, é considerado em Cabo Verde um triunfo ou uma vitória de que o cabo-verdiano tem mais direito de participar do que ninguém, entre os povos de língua portuguesa. Mais de um cabo-verdiano foi o que me disse com a maior clareza: que se sentia mais brasileiro do que português da Europa. Que Cabo Verde devia ser província do Brasil. E não

---

<sup>3</sup>Foltran, Francesca, *La musica delle isole di Capo Verde*, 1997/97, Università degli studi di Venezia, Appendice documentaria, entrevista a dr. Moacyr Rodrigues, p.203.

há cabo-verdiano que não sonhe em ir para o Brasil. (FREYRE, 1953, p. 299).

Freyre observou o sentimento de amor que os cabo-verdianos têm com a música e a literatura brasileira e, um sentimento de repúdio à ligação com Portugal colonizador e de um imenso desejo de emigração para o Brasil.

### **A Literatura brasileira e cabo-verdiana**

Queria, no entanto, aqui, deter-me brevemente sobre a afinidade entre os intelectuais e os escritores das duas margens do Atlântico. Tendo obtido a sua independência no século XIX, o Brasil era visto por Cabo Verde, que ainda estava sob o domínio de Portugal, como um irmão mais velho que se tinha oposto e se revoltado contra o jugo colonial e que agora procurava construir um percurso como nação livre e independente, com uma identidade própria, uma cultura e uma literatura que já nada tinham a ver com as portuguesas<sup>4</sup>. Mas precisamente podemos dizer que nas primeiras décadas do século XX no Brasil a identidade, a multiétnica e multicultural cresceu na cultura que explodiu no Modernismo inaugurado em São Paulo em 1922.

O Brasil por ser o primeiro país a se tornar independente e que formou uma escola literária tornou-se referência para Cabo Verde. Diversos poetas e escritores como Castro Alves e Olavo Bilac trabalharam temas profundamente cabo-verdianos e, escritores como Jorge Amado e poetas como Manoel Bandeira foram muito lidos e cultuados em Cabo Verde o que beneficiou muito a literatura cabo-verdiana. Desta forma, a literatura funcionou como uma ponte que liga as duas margens do atlântico. Escritores e poetas brasileiros vão influenciar na escrita da literatura cabo-verdiana. As afinidades existentes entre Cabo Verde e o Brasil dispunham os caboverdeanos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira.

Nos anos 1930, os intelectuais cabo-verdianos começam a construir a tese de uma sociedade crioula nos moldes da brasileira. Cabo Verde cedo despertou para

---

<sup>4</sup>OLIVEIRA, Vera Lúcia. Jan./Junh. P. 86, 2010.

este amor dos africanos pelo Brasil e a geração da Revista *Claridade*<sup>5</sup>, marco da modernidade crioula, quebrou de vez o cerco salazarista que não permitia a leitura dos textos brasileiros escrito por Jorge Amado, por ser Marxista, e Graciano Ramos. Essa visão cabo-verdiana está relacionada com a história do povoamento do Arquipélago. Hamilton deixa claro qual foi o intuito da criação da revista:

Na década de 1930, um núcleo de intelectuais e escritores cabo-verdianos reunia-se em torno de *Claridade*, uma revista de arte e letras lançadas em 1936. Na cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, os poetas, prosistas e ensaístas da geração de *Claridade* cultivam a ideia da compatibilidade entre o seu etos, ou seja, a sua imagem de si perante o mundo e aspectos salientes, e a seu ver atraente, do luso-tropicalismo. (HAMILTON, 2003, p. 145).

A Revista *Claridade* teve como protagonista os jovens escritores Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. Eles promoveram uma mudança no cenário literário cabo-verdiano que gerou nos intelectuais da época questionamentos em um cenário desconhecido. Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores da revista *Claridade* evidenciaram a sua determinação em refletir-se em outros espelhos, mais próximos por serem detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado.

Os poetas da Geração *Claridade* sempre afirmaram que a literatura brasileira modernista servira de motivação para a busca do caminho da caboverdianidade.

“*Claridade* representou uma virada na lírica do Arquipélago. Influenciada pelo Modernismo brasileiro, rompeu com as formas clássicas da poesia, incorporando o verso livre, a não preocupação rígida com as rimas, os temas cabo-verdianos e o uso do crioulo” (SECCO, 1999, pp. 14-15).

Segundo Gilberto Freyre “Jorge Barbosa sonha acordado com o Brasil”. (FREYRE, 1953, p. 298). Freyre diz isso justamente por verificar facilmente nos muitos poemas escritos por Barbosa onde podemos destacar o poema “Você Brasil”,

---

<sup>5</sup>*Claridade* foi uma revista extraordinariamente moderna para o seu tempo, antecipadora de tendências e movimentos que só muito mais tarde se revelarão em outras literaturas africanas de língua portuguesa. Recordemos que os primeiros três números de *Claridade* saíram de 1936 a 1937, e os outros seis entre 1947 e 1960. Se pensarmos na situação bastante periférica do arquipélago naquele período e na censura vigente nas ilhas, como nas outras colônias portuguesas e também em Portugal, resulta ainda mais extraordinário o alcance e a lucidez dos seus fundadores.

onde ele imagina o Brasil. O poema vai ser escrito através de um diálogo imaginário sobre o Brasil que para ele não era indiferente da sua terra.

### **Você, Brasil**

Para o poeta Ribeiro Couto

Eu gosto de Você, Brasil, porque Você é parecido com a minha terra.

Eu bem sei que Você é um mundão e que a minha terra são dez ilhas perdidas no Atlântico, sem nenhuma importância no mapa.

Eu já ouvi falar das suas cidades:

A maravilhosa do Rio de Janeiro, São Paulo dinâmica, Pernambuco, Baía de Todos-os-Santos, ao passo que as daqui não passam de três pequenas cidades.

Eu sei tudo isso perfeitamente bem, mas Você é parecido com minha terra. É o seu povo que se parece com o meu, é o seu falar português que se parece com o nosso, ambos cheios de um sotaque vagaroso, de sílabas pisadas na ponta da língua, de alongamentos timbrados nos lábios e de expressões terníssimas e desconcertantes.

É a alma da nossa gente humilde que reflete a alma da sua gente simples, ambas cristãs e supersticiosas, sentindo ainda saudades antigas dos serões<sup>3</sup> africanos, compreendendo uma poesia natural que ninguém lhes disse, e sabendo uma filosofia sem erudição que ninguém lhes ensinou.

O gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas,

dos seus cataretés, das suas toadas de negros,  
caiu também no gosto da gente de cá,  
que os canta e dança e sente  
com o mesmo entusiasmo  
e com o mesmo desalento também.  
As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,  
fazem lembrar as suas músicas, com igual simplicidade e igual emoção.

Você, Brasil, é parecido com a minha terra.  
As secas do Ceará são as nossas estiagens,  
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.  
Mas há uma diferença no entanto:  
é que os seus retirantes  
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,  
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem  
porque seria para se afogarem no mar...

Nós também temos a nossa cachaça,  
o grogue de cana que é bebida rija.  
Temos também os nossos tocadores de violão  
e sem eles não haveria bailes de jeito.  
Conhecem na perfeição todos os tons  
e causam sucesso nas serenatas,  
feitas de propósito para despertar as moças  
que ficam na cama a dormir nas noutes de lua cheia.  
Temos também o nosso café da ilha do Fogo  
que é pena ser pouco,  
mas – Você não fica zangado?  
– é melhor do que o seu.

Eu gosto de Você, Brasil.  
Você é parecido com a minha terra.  
O que é que lá tudo é a grande  
e tudo aqui é um ponto mais pequeno...

Eu desejava fazer-lhe uma visita  
mas isso é cousa impossível.

Queria ver de perto as cousas espantosas que todos me contam  
de Você,  
assistir aos sambas nos Morros,  
estar nessas cidadezinhas do interior  
que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,  
queria deixar-me arrastar na onda da Praça Onze  
na terça-feira do Carnaval.  
Eu gostava de ver de perto o luar do Sertão,  
de apertar a cintura de uma cabocla  
– Você deixa? –  
e rolar com ela num maxixe requebrado.  
Eu gostava enfim de o conhecer mais de perto  
e Você veria como sou um bom camarada.  
Havia de então de botar uma fala  
ao poeta Manuel Bandeira,  
de fazer uma consulta do Dr. Jorge de Lima  
para ver como é que a Poesia receitava  
este meu fígado tropical bastante cansado.  
Havia de falar como Você,  
com um i no si  
- si faz favor –  
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos  
- mi dá um cigarro? –  
Mas tudo isso são cousas impossíveis – Você sabe? –  
Impossíveis.  
Jorge Barbosa<sup>6</sup>.

O poeta cabo-verdiano faz uma analogia entre Cabo Verde e Brasil e não deixa de salientar que sua terra de origem também é detentora de identidade. Deseja apresentar o encontro poético entre o “mundão e as dez ilhas perdidas no Atlântico”<sup>7</sup>. É uma espécie de poesia declamatória sobre as afinidades solidárias entre o Cabo verde e o Brasil onde reflete uma das etapas do processo colonial. É

---

<sup>6</sup>BARBOSA, Jorge. *Caderno de um Ilhéu*, 1956, cit. in: Manuel Ferreira, “O texto Brasileiro na literatura caboverdiana”, in: *Literaturas África nas de Língua Portuguesa, op. cit.*, p. 92.

<sup>7</sup>GUIMARÃES, Wellington R. Dissertação de mestrado. p. 25.

somente lendo de forma mais profunda que podemos ir além dos significados. Através da análise deste poema podemos vê que, apesar de Jorge Barbosa não ter visitado o Brasil mas apenas entrado em contato com escritores brasileiros entre eles Gilberto Freyre, nos mostra que a literatura liga essas duas nações irmãs, de forma que cria uma aproximação cada vez mais estreita.

O poema *A Serenata* escrito por Baltazar Lopes, resgata o passado e as raízes culturais, numa interpretação de planos que cria a fusão de sentimentos constituída em primeiro plano:

Vestida de gemidos de bordão.  
Lancinâncias de violino,  
Na noite parada  
Vem descendo a seresta,  
Sumiu-se a cidade barulhenta  
Inimiga das crianças e dos poetas.  
Uma voz canta sentimentos um samba.  
Os cavaquinhos desmaiam de puro sentimento.  
A cidade morreu lá longe,  
E a lua vem surgindo cor de prata.  
Nessa história de amor todos são iguais,  
Até o rei volta sua palavra atrás...  
O meio tom brasileiro deixa  
Interrogativamente a sua nostalgia...  
Passa a serenata  
Mas o coração dos que temem a primeira luz do vai chegar  
Ficam os gemidos do violão e do cavaquinho,  
Vozes crioulas neste noturno brasileiro de cabo Verde<sup>8</sup>.

O escritor José Osório de Oliveira que, em 1927, esteve vários meses na Ilha de São Vicente e que conservou, sempre, o seu interesse e o seu vínculo sentimental com Cabo Verde num artigo publicado na revista *Claridade*, na edição de Março de 1936, afirma:

---

<sup>8</sup> LOPES, Baltazar. A serenata. Apud.: SANTILLI, Maria Aparecida. Op. Cit., p. 26.



Os caboverdeanos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdeanos para compreender, sentir e amar a nova literatura Brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso, pelos novos ensaístas Brasileiros, os caboverdeanos descobriram o seu caminho.(OSORIO (1936) apud OLIVEIRA, 2010, p. 4).

Os três fundadores da revista *Claridade*: Baltazar Lopes, Manuel Lopez e Jorge Barbosa falam respectivamente de irmandade, afinidades entre os dois povos. "Que os brasileiros a recebam como se Irmãos seus a subscrevessem, porque como irmãos os consideram os caboverdianos."<sup>9</sup> As ligações literárias permitiram aos caboverdianos usar uma imagem do Brasil como espelho em relação a sua realidade. A literatura permitiu os caboverdianos sentir que os escritores brasileiros se interessam pelas mesmas temáticas que lhes interessam.

Há muito que falar a respeito deste dialogo entre essas duas nações irmãs. O Brasil recebeu muito de cabo Verde, uma contribuição forçada de homens arrancados para viver e a morrer nas lavouras brasileiras. Um sinal desta presença permaneceu, na história na cultura, na identidade, no sangue de muitos brasileiros. Depois de séculos passados de tanto sofrimento, ambas as nações vivem em lanço cada vez mais profundo e, através da literatura se aproximam cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

BOXER, C. R. **O Império Colonial Português (1415-1825)**. Trad. Inês Silva Duarte. Lisboa: Edições 70, 1969.

Foltran, Francesca, **La musica delle isole di Capo Verde**, 1997/97, Università degli studi di Venezia, Appendice documentaria, entrevista a dr. Moacyr Rodrigues.

---

<sup>9</sup>Oliveira, José Osório de "Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil", in *Claridade*, nº 2, p.4.

FREYRE, Gilberto. **Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

OLIVEIRA, Vera Lúcia. **Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar.** *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 84-87, jan./jun. 2010.

**CLARIDADE: Revista de Artes e de Letras.** Edição fac-símile de celebração dos cinquenta anos da publicação do primeiro número. Org. de Manuel Ferreira. 2. ed. Linda-a-Velha: Editor A.L.A.C.- África, Literatura, Arte, Cultura, 1982.

HAMILTON, Russel G.. In: LEÃO, ÂngelaVaz. **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Antologia do Mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX.** Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

GUIMARÃES, Wellington R. **As ressonâncias de Manuel Bandeira (e do Modernismo Brasileiro) em Jorge Barbosa.** Dissertação de Mestrado em Letras- Estudos Literários. Faculdade de Letras, UFMG, 2010.

BARBOSA, Jorge. **Você, Brasil.** Disponível em: <http://descobrindoaafrica.blogspot.com.br/>. Acesso em: Outubro. 2015.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história & antologia.** São Paulo: Ática, 1985.

OLIVEIRA, J.. **Literatura Portuguesa: moderna e contemporânea.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

BARBOSA, Jorge. **Caderno de um ilhéu.** Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.